

UM BELO DIA
PARA MORRER
E OUTRAS
HISTÓRIAS

AMÍLCAR MONTEIRO

UM BELO DIA PARA MORRER E OUTRAS HISTÓRIAS



ÍNDICE

Um Belo Dia para Morrer	11
A Todo o Vapor	45
Descansa em Paz	69
O Melhor Amigo	95
Um Final Feliz	145
Sobre as Histórias	193
Agradecimentos	203

TÍTULO: *Um Belo Dia para Morrer e Outras Histórias*

AUTOR: Amílcar Monteiro

CAPA E PAGINAÇÃO: Amílcar Monteiro

Publicação Independente

1.^a Edição: Novembro 2020

ISBN 9798699513215

© 2020, Amílcar Monteiro.

Email: aclamado.autor@gmail.com

www.amilcarmonteiro.pt

Este livro segue a grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

Para a Cecília

*The world is a tragedy to those who feel;
a comedy to those who think.*

HORACE WALPOLE

*The dramatist fundamentally respects and
admires humanity. They tell stories that in
essence say “under the worst of circumstances,
human beings are magnificent creatures.”
The comedian says “under the best of circum-
stances, human beings will find some way to
screw up.”*

ROBERT MCKEE

UM BELO DIA
PARA MORRER

Os primeiros raios de sol inundavam o horizonte, desenhando um contorno de luz nas montanhas e conferindo-lhes uma aura mística. Búfalo Solitário contemplava esse cenário sentado à frente da sua tenda, enquanto os outros membros da tribo dormiam. Também ele gostaria de estar a dormir, mas as dores que sentia nas articulações não o permitiam. Assim sendo, optou por sair da tenda e vir apreciar o nascer do sol. E enquanto observava a grande bola de fogo a invadir o céu, ouvia os animais a dar as boas-vindas ao amanhecer e sentia a brisa acariciar-lhe o rosto, o velho índio pensou que aquele seria um belo dia para morrer.

Na realidade, Búfalo Solitário não era assim tão velho, tinha pouco mais de setenta, mas sentia que a sua condição física já o tornava mais um fardo para a sua tribo do que outra coisa. As suas articulações estavam gastas, impossibilitando-o de participar nas caçadas ou de ajudar nas construções. Outrora um dos homens mais fortes da tribo, hoje em dia ficava para trás, com as mulheres e as crianças.

Com esta idade, o único valor que tinha era o do conhecimento. Mas toda a sua sabedoria já tinha sido transmitida às várias gerações que o sucederam. Nada mais havia para lhes ensinar. Para além disso, há várias luas atrás, tinha também perdido a sua mulher, Catatua Palradora. Se nos primeiros tempos a seguir à sua morte, Búfalo Solitário até redescobriu alguns dos prazeres da vida – principalmente o do silêncio –, agora sentia bastante a falta da sua companheira.

Todas estas perdas contribuíam para o sentimento de que o seu tempo já tinha passado e alimentavam a sua vontade de deixar este mundo, no qual já não tinha lugar. Assim, perante a arrebatadora beleza daquele nascer do dia, pareceu ao velho índio que tudo estava em harmonia e interpretou isso como um sinal para iniciar a sua jornada até ao País das Almas.

Como ia ser a sua morte já há muito tinha planeado: caminharia até um monte, a poucas horas de distância do local onde a sua tribo estava instalada, e lá ficaria, exposto aos elementos, até cessar o sopro da vida. As mortes na sua tribo já não aconteciam assim há muitos anos – aliás, hoje em dia, ninguém decidia quando morrer – mas Búfalo queria partir dessa maneira, tal e qual os seus antepassados, pois acreditava que soltar o seu último fôlego em comunhão com a natureza era a melhor forma de se reunir com o Grande Espírito.

À medida que os elementos da tribo iam despertando, Búfalo Solitário contava-lhes o que tinha decidido, até à altura em que já todos sabiam. As reacções dividiam-se entre aqueles que compreendiam e respeitavam a sua vontade e os que choravam e tentavam demovê-lo. Mas nada havia a fazer. A decisão estava tomada.

Calmamente, com movimentos precisos que evocavam o significado do momento, o velho índio arrumou a sua

tenda e reuniu os objectos com que partiria: um cachimbo e um pequeno saco com tabaco; uma manta, para se cobrir enquanto aguardava a sua hora; e uma velha faca – lâmina de osso e cabo de madeira, envolto numa tira de couro – que lhe tinha sido oferecida pelo seu avô.

Partilhou uma última refeição com os seus companheiros, durante a qual riram ao relembrar velhas histórias, despediu-se individualmente de cada pessoa da sua tribo, dando-lhes conselhos e ouvindo os recados que pediam que entregasse aos antepassados, e participou num ritual xamânico para facilitar a partida da sua alma. Ao observar Corvo Aluado andar à sua volta, atirando-lhe fumo para cima e entoando cânticos incompreensíveis enquanto toda a tribo assistia num silêncio reverente, Búfalo Solitário não conseguiu deixar de sentir inveja pela longevidade da carreira de xamã.

Depois, Búfalo partiu e não olhou mais para trás. Percorreu sem pressa o caminho planeado, aproveitando para desfrutar de cada elemento da paisagem pela última vez. Tinha vivido desde sempre naquelas terras mas, talvez por saber que nunca mais as veria, agora pareciam-lhe ainda mais belas. Ao mesmo tempo que caminhava, ia agradecendo. Agradecia à terra tudo o que ela lhe tinha dado e agradecia também aos espíritos dos animais que se sacrificaram para que a sua tribo nunca passasse fome. Sentia-se bem e, a cada passo que dava, mais convicto da sua decisão. Entretanto, chegara ao sopé do monte.

Apesar de não ser enorme, o monte tinha ainda uma altura considerável e, do meio até ao cume, estava coberto de vegetação algo densa. A subida era um pouco íngreme mas fazia-se com relativa facilidade. Sem hesitar, Búfalo Solitário continuou a sua marcha monte acima, apesar de acusar já algum cansaço da longa caminhada. Estava agora muito próximo do

seu destino, um lugar secreto que apenas os mais antigos da tribo conheciam, e sabia que, uma vez lá, teria o seu derradeiro descanso.

O sítio para onde ia situava-se quase no topo e, para lá chegar, o índio foi abrindo caminho através da vegetação, a custo, utilizando a pouca energia que lhe restava. Mas o esforço compensou: o local continuava tão mágico quanto se recordava. Tratava-se de uma pequena clareira que emergia, abruptamente, dos altos arbustos. No seu centro, encontrava-se um imponente e secular castanheiro, com raízes que pareciam grossos tentáculos mergulhados na terra e cujos ramos e folhagem construía uma espécie de telhado natural. A oeste, a clareira terminava num penhasco, que permitia uma vista privilegiada para uma grande extensão de terra selvagem e um conjunto de majestosas montanhas, em cima das quais o sol flutuava em todo o seu esplendor.

Para além da sua beleza idílica e secretismo, aquele local tinha um significado particular para Búfalo Solitário. Foi aquele o sítio que lhe serviu de base quando, há incontáveis luas atrás, cumpriu o ritual de passagem para a idade adulta. Nessa altura, foi deixado sozinho naquele preciso monte, durante sete dias, com nada mais do que a faca do seu avô, lutando com animais e sobrevivendo apenas do que a natureza lhe deu. Durante todo esse tempo, aquela clareira foi o seu lar: ali chorou, ali dormiu, ali comeu e ali passou de rapaz a homem. E, uma vez mais, aquele seria um local de passagem, mas agora da vida para a morte.

Satisfeito e exausto, Búfalo sentou-se junto da grande árvore e tapou-se com a manta. O tempo não estava frio mas corria uma aragem que o enregelava. Virado para o penhasco, sentiu-se abençoado por aquela magnífica paisagem ser a última

que os seus olhos contemplariam. Não concebia melhor local para se despedir desta terra e partir para o País das Almas. Tirou o tabaco do saco, colocou-o no forninho, calcando-o, acendeu o cachimbo e pôs-se a recordar a sua vida. Tinha sido uma boa existência. Caçou e construiu, teve uma família com três filhos fortes a quem passou conhecimento, manteve vivas as tradições e costumes da tribo e agradeceu todos os dias aos espíritos. Uma vida completa.

Inalou o fumo do tabaco que fervilhava no cachimbo e depois soltou-o. Escutou o barulho dos animais e o ruído do vento a abanar as folhas. Inalou novamente. Sempre apreciou estar rodeado da sua tribo, mas a verdade é que preferia estar sozinho. Libertou o fumo. O silêncio agradava-lhe. Não ouvir as vozes de outras pessoas, apenas os sons da natureza. Fumou durante mais algum tempo. Depois, apagou cuidadosamente o cachimbo e poisou-o ao seu lado. Olhou para o horizonte uma última vez, deleitando-se com a terra, as montanhas, o céu e o sol. As suas mãos, enrugadas e calejadas do trabalho de uma vida, acariciaram o velho castanheiro. Sorriu. Era o final perfeito da alma conhecida por Búfalo Solitário. Colocou os braços dentro da manta, respirou fundo e fechou os olhos. Estava pronto para partir.

«Senhor... Senhor... Senhor...»

Foram estas palavras, em conjunto com uma mão que o abanava, que fizeram o índio despertar. Ao abrir os olhos, deparou-se com os rostos de dois miúdos, que não deviam ter mais de catorze anos, debruçados sobre ele. Ambos estavam vestidos da mesma forma: calções castanho-escuros, meias caqui subidas até ao joelho, camisa da cor das meias

com vários símbolos bordados e, caindo por cima dela, um lenço verde com riscas brancas, colocado à volta do pescoço. Usavam também um chapéu de abas, em tom acastanhado, cuja copa tinha quatro amolgadelas e uma tira de cabedal escuro em redor. Observavam-no atentamente, com uma expressão preocupada.

— O senhor está bem?

— Hã?! Hum... Sim... Eu... Hum... — balbuciou Búfalo Solitário, tentando compreender o que se passava.

— Mas está tudo bem? Sentiu-se mal, foi? — insistiu um dos miúdos.

— Não, não, está tudo bem. Estou só aqui sentado.

— Ah, pronto! Epá, pregou-nos cá um susto...

— Sim, vimo-lo aqui encostado à árvore, de olhos fechados, e achámos que estava morto ou que lhe tinha acontecido qualquer coisa — confessou, aliviado, o outro miúdo.

Búfalo estava ainda meio atordoado, não só por ter sido acordado de forma brusca – devia ter adormecido enquanto aguardava que o sopro da vida o abandonasse –, mas também pela presença de outras pessoas naquele sítio, o qual ele julgava ser conhecido apenas por outros dois anciãos da sua tribo.

— E vocês o que andam por aqui a fazer? — perguntou o velho índio.

— Andamos a apanhar paus para fazer uma fogueira.

— Uma fogueira, em pleno dia?!

— Não, não é para agora, senhor. Só vamos fazer a fogueira mais logo, quando começar a ficar de noite.

— Mas como é que vocês conhecem este lugar?

— Costumamos vir acampar para este monte várias vezes, com o nosso agrupamento de escoteiros.

— M-Mas vocês têm um acampamento aqui perto?

— Sim, ali em baixo, perto da base do monte — disse o escoteiro, apontando na direcção oposta ao caminho que Búfalo Solitário tomou para chegar à clareira. — Somos vinte e sete no nosso acampamento.

O índio ficou estupefacto. Aquele monte, o seu monte, sagrado e secreto, o único local que conhecia em que a natureza se mantinha em estado puro, onde procurara isolamento para realizar a sua jornada final de forma solene e pacífica, tinha agora outros frequentadores.

— O senhor tem a certeza que está bem? É que não está nada com boa cara...

— Precisa de alguma coisa? Olhe que nós sabemos primeiros socorros — informou o segundo escoteiro, apontando para uma insígnia de competência em socorrismo bordada na sua camisa.

— Sim, sim, estou bem... — replicou Búfalo, ainda abalado com a recente descoberta.

— Então e o senhor o que é que anda por aqui a fazer? Porque é que está aí sentado?

— Hum... Nada, estava só a descansar.

— Ah, então está cansado, é isso! Pois, com a sua idade a subir montes destes... Quer água? — perguntou o miúdo, ao mesmo tempo que estendia um pequeno cantil.

— Não, obrigado.

— E porque é que subiu o monte e está aqui sozinho? Perdeu-se do seu grupo, foi? Quer ajuda para o encontrar? Sabe que nós somos muito bons a orientar-nos no mato. Temos bússola e tudo.

— Não, não, eu vim sozinho. Não há mais ninguém.

— E porque é que veio para aqui sozinho, senhor?

— Não interessa.

— Se calhar é daqueles velhos que já não estão muito bem da cabeça e perdeu-se e anda tudo à procura dele — sussurrou um escoteiro ao outro.

— Como é que o senhor se chama? — questionou um deles, falando agora num tom mais alto e pausado.

— Búfalo Solitário.

Ao ouvir aquela estranha resposta, os jovens escoteiros entreolharam-se durante alguns instantes, numa confirmação mútua de que aquele idoso não estava na plena posse das suas faculdades.

— Olhe, venha connosco até ao acampamento que depois nós levamo-lo a casa — propôs um deles.

— Não é preciso. Apanhem lá os paus e vão-se embora.

— Não o podemos deixar sozinho neste sítio. Pode ser perigoso para um senhor da sua idade.

— Vou ficar aqui — informou Búfalo, que agora já nem olhava para os escoteiros quando falava. — Vão à vossa vida e deixem-me em paz.

— Está com medo? Não tenha medo, senhor. Nós somos escoteiros. Estamos sempre a ajudar velhinhos como o senhor.

O índio permaneceu calado, olhando a paisagem.

— Vamos lá, vá, nós ajudamo-lo a levantar-se — disse um dos miúdos, ao mesmo tempo que tentava agarrar o braço de Búfalo Solitário.

— Estejam quietos! — gritou o velho índio, enquanto sacudia a mão do escoteiro. Estava saturado com toda aquela situação e sem a mínima vontade de falar ou sequer ouvir outra pessoa. — Já vos disse que não quero ir a lado nenhum! Peguem nos paus e vão-se embora daqui!

Os dois escoteiros afastaram-se, em sobressalto, com a reacção intempestiva de Búfalo. Assustados, observaram-no

durante breves instantes e, de seguida, desapareceram por entre os altos arbustos.

Búfalo Solitário respirou de alívio. Não queria ter gritado com os miúdos, mas a descoberta de que não estava ali sozinho tinha-o perturbado e reduzira-lhe a paciência. O monte sagrado tinha sido conspurcado pelos caras-pálidas e seria apenas uma questão de tempo até que eles o infestassem e destruíssem tudo aquilo que o transformava num local mágico. Teve pena das novas gerações da tribo, que nunca conheciam a sensação de sossego e isolamento naquele sítio selvagem, quase intocado pelos homens, um dos poucos onde um índio conseguia uma total harmonia com a natureza. *Este é apenas mais um sinal de que tudo está mudado*, pensou. *Um sinal de que já não pertença a estes tempos e devo partir. Ainda bem que morro hoje.*

Triste mas resignado, Búfalo encostou-se ao grande castanheiro e, uma vez mais, cerrou as pálpebras. Imaginou os extensos e imaculados territórios que encontraria, dentro em breve, no País das Almas. Onde caçaria com os seus antepassados para todo o sempre, sem nenhum cara-pálida a incomodá-lo. Suspirou, aconchegou-se na manta e aguardou a hora da sua partida.

Sobre o Autor



Amílcar Monteiro é introduzido no mundo em Lisboa, no ano de 1983. É licenciado em Psicologia e especialista em Neuropsicologia Clínica, trabalhando na área da geriatria e das demências. Para além disso, já escreveu contos, crónicas, *sketches* e curtas-metragens e fez *stand up comedy*. Em 2016 publicou o seu primeiro livro, «Não se Brinca com Coisas Sérias», uma selecção de piadas e de crónicas humorísticas. Tem por hábito falar pouco sobre si, porque odeia discutir assuntos que não domina.

www.amilcarmonteiro.pt

@AclamadoAutor